

LUCILA NOGUEIRA, UMA POETISA IBERO-BRASILEIRA: TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Olga Tereza Maia Oliveira[1]
Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral[2]

Resumo
De sangue pernambucano e fluminense, Lucila Nogueira é, certamente, uma das mulheres que tiveram a sua vida e produção literária invisibilizadas. Nasceu, em 30 de março de 1950, na cidade do Rio de Janeiro e, ainda quando menina veio para a capital pernambucana, terra natal de sua mãe. Estudou no tradicional Colégio São de José e na Faculdade de Direito do Recife, exercendo a profissão concomitante à sua paixão pela escrita de poesias, as quais lhe deram visibilidade nos anos de 1980. Falecida em 2016, permanece imortal pela Academia Pernambucana de Letras, na qual entrou em 1992, ocupando a cadeira de número 33. Mesmo tendo produzido um vasto conjunto de obras, sendo idealizadora da Fliporto e homenageada na Freeporto, dois eventos importantes para o meio literário local e nacional; pouco se tem produzido sobre a sua vida e trajetória literária. Portanto, buscaremos aqui, traçar alguns passos de sua vida utilizando-se das propostas teórico-metodológicas dos estudos de gênero de Joan Scott e Judith Zinsser e, biografia, de Mary Del Priore. Mostrando ainda, um pouco da trajetória literária da poetisa, com enfoque em sua genealogia ibero-brasileira, fator tão importante e inspirador para os seus escritos em língua espanhola e portuguesa.

Palavras-chave: Gênero. Biografia. Intelectuais.

Introdução

Falarão meus poemas pelas ruas
de cor como receita de viver
dirão que fui um mar misterioso
onde quem navegou não esqueceu
Lucila Nogueira

Ao longo dos estudos historiográficos a importância dada à produção de biografias como as conhecemos, de aprofundamento ou ainda de descobrimento e apresentação da vida de determinado indivíduo comum, mas salutar ao seu tempo,

[1] Mestre em Estudos Anglo-Americanos pela Universidade do Porto. Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Voluntária do PIBIC/UNICAP. Membro do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. E-mail: o.oliveira1854@gmail.com.
[2] Docente do Curso de História da Universidade Católica de Pernambuco. Coordenador do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. E-mail: walter.amaral@unicap.br.



veio a ser dada somente a partir da segunda metade do século XX, como afirma a historiadora Mary Del Priore no texto: “Biografia, biografados: uma janela para a história”. Sendo vista como um gênero literário de “fazer” história ultrapassada que se detinha a florear e enaltecer a vida de heróis e de figuras políticas, sob raros prismas críticos ou sob um ausente embasamento teórico, a biografia veio finalmente a se superar, abandonando a impessoalidade que havia nas histórias dos santos e celebridades, dando identidade e pertencimento àqueles estudados. Utilizando-se da ideia do historiador francês Jacques Le Goff, quanto este trata a biografia de outrora como positivista, tradicional de pouca profundidade e “incapaz”. Ressaltando que, o que antes servia para criar mitos e figuras idolatradas, agora nos serve para designar um representante de algum grupo social (Cf.: DEL PRIORE, 2010).

A biografia, a partir de/as novos/as biógrafos/as historiadores/as do fim do século passado, tornou-se abrangente a uma classe, a um grupo de indivíduos, ou, mais precisamente, a um daqueles pertencentes de um determinado grupo, como podemos ler no trecho: “Abordagem perfeita - se perguntariam alguns? A princípio, não. Pois que, por definição, a biografia é centrada num indivíduo, ela coloca o problema da “representatividade” deste mesmo ator histórico” (DEL PRIORE, 2010, p. 189).

Portanto, biografar um indivíduo, passou então a dizer respeito a biografar um povo, um contexto. O papel do meio, do cenário, bem como o significado que este tem para seus atores, ou seja, o seu imaginário presente na fantasia e, melhor ainda, na memória do seu povo e de terceiros, vem a se mostrar como um dos elementos que, a partir de então, vem a figurar na biografia de um determinado protagonista. Estes contextos são, segundo ela, sociais e é a estes que o biografado pertence. Assim sendo, a biografia começaria a ser composta a partir da representação que o biografado tem em seu lugar de origem. Aceite esta nova forma de rever a produção biográfica de historiadores, não se pode dizer, porém, que se trataria de uma abordagem perfeita, pois depositar a responsabilidade de uma classe inteira em um único ator seria o mesmo que produzir uma história reduzida. Afirmando ainda que, é graças à História Cultural que o biografado pelo contexto deve ser estudado. Para tal, é necessário que se defina o seu lugar e estrutura social antes de se justificar de quem se está a falar (Cf.: DEL PRIORE, 2010).



Quando definimos o modo de analisar o indivíduo a partir de sua classe, porém, outras dificuldades nos surgem. Mary Del Priore nos mostra que, com o próprio marxismo e o estudo de classes, cresce uma forma engessada de se produzir história, forma esta que acabou rompida pelos biógrafos pós-estruturalistas. Pois, a ruptura com a forma marxista e determinista teria provocado uma mudança de paradigmas, e que, a partir de então, deu-se uma maior importância ao estudo do indivíduo e não somente das estruturas políticas, sociais e econômicas somente, aprofundando-se nas "paixões" da personagem escolhida, em seus receios e imaginários (Cf.: DEL PRIORE, 2010).

Se tal problemática permeia a produção de biografias, podendo esta, ser considerada como uma ferramenta de representação de um grupo, faz-se justo falar da biografia das mulheres como um novo aspecto de tal gênero literário. A historiadora estadunidense Joan Scott, no artigo "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", o analisa como uma base que já vem a ultrapassar a noção antiga de biografia de mitos e, quiçá, da própria noção de se estudar uma classe e posteriormente, um gênero. Afirmando que:

> Os/as historiadores/as precisam, em vez disso, examinar as formas pelas quais as identidades generificadas são substantivamente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente específicas. Não é de se estranhar que as melhores tentativas neste domínio tenham sido, até o presente, as biografias... (SCOTT, 1990, p. 88).

Ao salutar a biografia, Joan Scott ainda explica sobre o que acontecia na produção até então conhecida na História. Tratava-se de um grande valor que era atribuído à história tradicional, de veio político e diplomático, de uma produção de uma história voltada para as relações de poder e, dessa forma, para a relação de poder existente entre homens e mulheres. Ela nos diz, a partir deste ponto de vista, que:

> O tema da guerra, da diplomacia e da alta política surge com frequência quando os/as historiadores/as da história política tradicional põem em questão a utilidade do gênero para seu trabalho. Mas, também aqui, devemos olhar para além dos atores e do valor literal de suas palavras. As relações de poder entre nações e a posição dos sujeitos coloniais têm sido compreendidas (e então



> legitimadas) em termos das relações entre homem e mulher (SCOTT, 1990, p. 92).

Sendo assim, por exemplo, as guerras, segundo Scott, estudadas pela historiografia de outrora, legitimavam muitas das adversidades e desequilíbrios sociais que estas traziam para os indivíduos. Ligando a masculinidade ao "servir" e ao "sacrifício" feito em nome do Estado. Nesta historiografia, as mulheres, segundo a autora, seriam guardadas e protegidas pelos homens, alicerçando a relação existente entre ambos em um respaldo político que colocaria o homem no papel de autoridade, excluindo as personagens femininas destas posições superiores.

Estudar a vida das mulheres, porém, não vem a resultar obrigatoriamente em um estudo feminista que excluiria os homens. Em adição às palavras de Joan Scott, em uma abordagem mais voltada à prática de se produzir biografias femininas em um mundo de homens, a também historiadora estadunidense Judith Zinsser, em "Biografia Feminista: uma contradição de termos?", nos esclarece que:

> A verdade do "mundo dos homens" não pode ser mudada por aqueles que estudam o passado. Em vez disso, a perspectiva dos historiadores feministas deve ser diferente. Como Lener tão clara e enfaticamente fraseia em seu ensaio "Colocando mulheres na História", "a história das mulheres é a história de sua atuação contínua em um mundo definido por homens [mas] de seus próprios pontos de vista" (ZINSSER, 2009, p. 43).

Judith Zinsser retoricamente nos pergunta em seu estudo o que estariam fazendo as mulheres enquanto os homens produziam a história como se conhece e qual seria a diferença de olhar esta mesma história sob o prisma de um biógrafo de mulheres. Ao se fazer tais questionamentos acabam por se produzir uma verdadeira "história de resgate" e, é assim, que a autora passa a chamar o ofício destes biógrafos de histórias femininas; historiadores/as buscando o que havia de extraordinário e fora do comum, nestas vidas que vieram a sofrer "alguma forma de negligência histórica" (ZINSSER, 2009, p. 44). A total ruptura com parâmetros culturais que apagaram mulheres da memória histórica, veio a se tornar a força motriz dos/as biógrafos/as feministas, muitas vezes esquecendo-se de que a personagem biografada deveria estar sob o poder do/a historiador ou historiadora, mas que muitas vezes a imagem da mulher biografada se sobrepõe ao seu contexto



social e à verdade de seu tempo. A existência do viés crítico em uma biografia feminista faz-se por vezes ausente, como nos afirma Judith Zinsser, e, dessa forma, acaba-se por se voltar em uma preocupação, com o receio de que o conceito de biografia regresse àquele do qual não se deseja recordar.

A mulher aqui escolhida como objeto de estudo trata-se não somente de uma figura feminina isolada em seu tempo, fora do normal ou "extraordinária", mas de uma mulher que, em suas poesias e pensamentos registrados, desejava, acima de tudo, ser reconhecida em sua natureza, fosse dentro de sua profissão ou de sua vida pessoal. Uma personagem que buscou suas raízes e construiu sua biografia na influência de sua genealogia e de seu sentimento regionalista, fosse pelas cidades nas quais nasceu e morreu, ou por aquelas das quais seus antepassados provieram. Enraizada na cultura ibero-brasileira, Lucila Nogueira nos parecerá uma personagem salutar, cuja vida interligou-se ao sexo oposto, que seja profissionalmente ou intimamente, que deu seus primeiros passos sem muito pensar em si como representante de seu gênero e, que, em sua maturidade, enxergou-se como uma mulher que tinha forças e um historial que respaldava sua filosofia de vida e lhe dava alicerce para a consciência feminista que nasceu em si tão logo percebeu a própria autoridade dentro do cenário literário luso-brasileiro.

Lucila Nogueira, por que imortal?

Falarão meus poemas pelas ruas
de cor como receita de viver
perguntarão por que vivi tão pouco
sem dar-lhes tempo de me perceber
Lucila Nogueira

Mãe, poetisa, professora e promotora pública, Lucila Nogueira Rodrigues nasceu em 30 de março de 1950, na cidade do Rio de Janeiro, vivendo os primeiros anos de sua vida no bairro do Botafogo, mudando-se para o Recife ainda na sua infância. Filha de pai oriundo do distrito de Vila Real, mais precisamente do concelho de Peso da Régua, em Portugal, e de mãe originária do município de Moreno, na zona oeste da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco. Lucila cresceu entre culturas diferentes, tanto brasileiras quanto europeias. Estudando no tradicional Colégio de São José, localizado no bairro da Boa Vista, no centro da capital

pernambucana; tinha plena consciência de se tratar de uma menina e, posteriormente, de uma jovem de origem economicamente privilegiada. Em 1968, aos dezoito anos, prestou vestibular para a Faculdade de Direito do Recife, sendo aprovada em quarto lugar entre oitenta e um candidatos (Cf.: VESTIBULAR de Direito, in: DIÁRIO de Pernambuco, 1968, p. 5).



Figura 1: Lucila Nogueira aos vinte anos, na sua formatura no Colégio de São José.

Em 26 de março de 1971, uma notícia publicada no “Diário de Pernambuco”, tratava do esvaziamento de algumas prisões do estado e do trabalho de assistência social que se estava fazendo para que, em três meses, presos pudessem deixar suas respectivas penitenciárias superlotadas. Lucila Nogueira, em seu terceiro ano do curso de Direito, deu seu depoimento àquela ocasião, pondo em dúvida o sucesso de tal ação do judiciário pernambucano. Enquanto seus colegas, estudantes do mesmo curso, ficaram impressionados com as explanações dos presidentes da Casa de Detenção do Recife, da Penitenciária Agrícola de Itamaracá, da Colónia Agrícola da Macaxeira, da Colónia Penal do Bom Pastor e de outras instituições carcerárias, ela veio a se manifestar diferentemente: “É preciso que os problemas sejam resolvidos com seriedade e não apenas nas aparências”. A então aluna afirmara, descrente da eficácia das ações socioeducativas da



Superintendência do Sistema Penitenciário e das direções das citadas prisões que deveriam, à velocidade de noventa dias, se esvaziarem em um plano de emergência que se dizia ser necessário (Cf.: DETENÇÃO será esvaziada dentro de 90 dias, in: DIÁRIO de Pernambuco, 1971, p. 1).

Aquela foi a primeira ocasião em que o seu nome se fez salutar. Não estava mais em uma lista e, talvez, tenha sido bastante precoce e quase imperceptível, e, ainda que este evento pouco viria a ter a ver com o seu comportamento profissional no futuro, tratou-se de um momento especial de sua vida, demonstrando a atuação de uma simples graduanda em Direito que era. Em 1972, seu nome retorna a aparecer nas páginas do "Diário de Pernambuco", primeiramente como parte de uma comissão examinadora para estagiários da Secretaria da Fazenda do Estado e depois como participante do II Seminário de Direito Civil, apresentando em conjunto com Maristela Alves de Oliveira, o trabalho intitulado "Natureza Jurídica dos Direitos do Autor e sua compreensão na Legislação Brasileira", tratando de direitos autorais e direitos exclusivos de paternidade de obras artísticas e literárias. Neste mesmo ano, se formou no curso de Direito e, em 1974, passou no concurso para Promotoria Pública do Estado em 31º lugar. Sua vida profissional estava encaminhada (Cf.: ADVOGADO cego passa em concurso para promotor, in: Diário de Pernambuco, 1974, p. 30).

No ano de 1979, tinha um emprego público, e, ainda que não se tenham provas documentais concretas, pois não encontramos a sua certidão de casamento, foi entre o fim da década de 1970 e a primeira metade da década de 1980, que Lucila teve como companheiro o também escritor Sérgio Moacir de Albuquerque, pai de suas três filhas: Natália, Marina e Almenara. Sendo o nome desta última, inspirado em seu primeiro livro. Notícias acerca do envio da obra poética "Almenara" para o prelo, ou para a gráfica, permearam os jornais do mês de dezembro daquele ano e, logo no início de 1980, os primeiros exemplares da obra foram publicados e noticiados pelos mesmos meios de comunicação.

Considerada participante da "Geração 65", grupo criado em Jaboatão dos Guararapes e formado apenas por escritores/as pernambucanos/as, Lucila Nogueira contou com o "Diário de Pernambuco" que, como fez a muitos outros autores, foi crucial na divulgação das poesias destes novos artistas locais pelas duas décadas seguintes, abrangendo, assim, uma época de intensa produção literária da autora.



Ao longo dos dois anos seguintes, 1982 e 1983, a sua presença se torna recorrente nos jornais de domingo, publicando suas poesias no “Caderno cultural” e neste último ano acaba por publicar a notícia de seu segundo livro de poesias, “Peito Aberto”, tendo este o lançamento em 14 de outubro na Academia Pernambucana de Letras, ao lado das obras “O Rapto das Noites” de Ângelo Monteiro e “Abismo Intacto” de Ytterbio Homem de Siqueira.

Ainda que escrevesse academicamente desde 1985, com artigos publicados inclusive em anais portugueses, que versavam acerca da cultura lusitana e brasileira, tendo como objeto de estudo poetas como Fernando Pessoa, Carlos Pena Filho e Cesário Verde, é apenas em 1986, que passa a cursar o seu mestrado em Letras na Universidade Federal de Pernambuco. Em 1987, publicou o seu terceiro livro “Quasar” e, em 1988, conclui os dois anos do mestrado, apresentando a dissertação de título “Ideologia e Forma Literária em Carlos Drummond de Andrade”, orientada pelo professor César Leal, também poeta e crítico literário. A partir de então, Lucila se dedica à construção de sua vida acadêmica, se pondo a escrever mais artigos, sendo dois deles a estudar a poesia modernista de Ascenso Ferreira, aprofundando-se em um deles nas origens folclóricas portuguesas e nordestinas que, segundo ela, o autor se baseou para fomentar sua obra.

No ano de 1990, lançou seu quarto livro de poesias, intitulado “A dama de Alicante”, uma obra de forte peso cultural, principalmente no que dizia respeito ao contexto familiar e genealógico da autora. O veio ibérico, mais precisamente do norte de Portugal e da região da Galiza, espanhola, faz-se presente nas palavras de uma jovem mulher carioca que não parecia desassociar suas origens consanguíneas com seu gosto pelas formas pernambucanas e latino-americanas de produzir literatura. Lucila tornara-se multicultural desde cedo, albergando o que parecia ser clássico nas raízes lusitanas de sua família, com o que era popular e miscigenado de sua vida na capital pernambucana. Em seguida a esta obra, o “Livro do Desencanto” é lançado em 1991, seguido de mais vinte obras poéticas (ao todo vinte e cinco), para além de ensaios críticos literários publicados em anais acadêmicos.

Ainda em 1991, morre Laurênio Lima, médico, poeta e professor recifense, antigo ocupante da cadeira de número 33 da Academia Pernambucana de Letras, que por sua vez, outrora, pertencera a Alfredo de Carvalho, engenheiro folclorista

falecido em 1916. Lucila Nogueira, desse mesmo ano, vem a se candidatar à vaga, conforme documento arquivado na biblioteca da Academia Pernambucana de Letras, concorrendo por ela, com o poeta Raimundo Carrero, seu amigo; acabou por renunciar a tal candidatura por motivos pessoais. Em fevereiro de 1992, ela foi aceita como imortal e passou a compor um quadro de escassas mulheres pertencentes a tal círculo intelectual pernambucano (Cf.: ACADEMIA Pernambucana de Letras, 2016).

Em 1992, publicou o artigo “Discurso de posse. Profissão de Fé”, na “Revista da Academia Pernambucana de Letras”, primeiro texto publicado após a sua entrada na APL. Em 1993, publicou na “Revista de Estudos Portugueses”, o artigo “A face oculta da Lua” e desde então passa novamente a se dedicar a objetos de estudo ibéricos, publicando em 1995, neste mesmo periódico um trabalho acerca da poetisa portuguesa Florbela Espanca. Em 1996, passou no doutorado em Letras, novamente na UFPE, ano em que também veio a publicar um livro de poesias denominado “Ainadamar”, seguido em 1997 da obra “Ilaiana”, que por sua vez, seguiu-se em 1999 de “Ilmice”, sendo estes três trabalhos conhecidos como a sua “trilogia ibérica”, livros cujo conteúdo poético torna a beirar o misto existente entre a nordestina de criação, dona de um sangue que também vinha a ser transmontano e galego (Cf. NOGUEIRA, apud: OLIVEIRA, 2010).



Figura 2: Lucila Nogueira no Gabinete Português de Leitura de Salvador.



Para a escritora, o ano de 1999 foi de intensa produção acadêmica, com a publicação de artigos acerca de Fernando Pessoa, José Saramago e Gilberto Mendonça Teles. Concluiu seu doutorado em 2002, defendendo a tese intitulada “O cordão Encarnado”, orientada pela professora Luzilá Gonçalves Ferreira. Ela continuou com seu trabalho de escritora, publicando livros de poesia e revisando antigos trabalhos acadêmicos, tais como aquele acerca de Carlos Drummond, republicado neste mesmo ano. Ainda em 2002, se torna professora adjunta da Universidade Federal de Pernambuco, orientando muitos estudantes que, como si, viam na literatura uma forma multicultural de contar raízes e imaginários. Foram quatorze anos como docente nesta instituição, nos esteve presente em eventos literários, sendo reconhecida com homenagens e prêmios em diversas ocasiões.

Lucila Nogueira foi uma das fundadoras da Fliporto (Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas), em 2005, evento de dimensões nacionais e internacionais que reúne grandes nomes da literatura e da produção acadêmica acerca da mesma, ocorrente até os dias de hoje no município de Ipojuca, mais precisamente na turística praia de Porto de Galinhas, no litoral sul pernambucano; mas que também já foi sediada na cidade de Olinda. Não obstante, foi também madrinha da Freeporto, ocorrente em 2009, 2010 e 2011, um evento multicultural de menor dimensão, organizado por estudantes e docentes da área de Letras, que vinha a tomar lugar no porto do Recife. Em 2016, Lucila Nogueira vem a falecer devido a complicações de um acidente vascular cerebral, mas seu legado, e tal pode ser dito de forma nada superficial, mas literal, permanece até os dias de hoje na cultura pernambucana, imortal como ela, nas feiras literárias que a mesma fomentou, ou em sua obra material encontrada nas bibliotecas, livrarias e muitas vezes *on line*, tendo sido ela uma entusiasta das redes sociais e dona de páginas pessoais cujo conteúdo era de foro literário e íntimo (Cf.: NOGUEIRA, in: FREEPORTO, 2011).

Genealogia como fonte de inspiração

Descobriu as paisagens do Alto-Douro, Minho, Galiza
(...) reencontrando o nome galego Susabila (...)
a que foi criada alheia dentro de uma vidraça
ignorando tanta coisa sobre sua origem



mas que a poesia sustentou na tempestade
porque dizem que o poema é quase sempre
a sobrevivência desesperada de uma falta
Lucila Nogueira

Longe de se tentar fazer aqui uma biografia moldada em aspectos sumariamente genealógicos, mas sabendo a real importância desta ferramenta que se faz crucial para o estudo biográfico de Lucila Nogueira, faz-se necessário que se conheça as raízes de ambos ao lados de sua família, pois em seus escritos mais pessoais, a autora recorrentemente se remetia a estes. A história dos Nogueira Rodrigues que a poetisa conhecia, começaria, segundo ela própria, na zona da mata pernambucana, na segunda metade do século XIX. Sua bisavó, Ana Rita de Albuquerque Mello, nascida nos idos de 1878, segundo ela, seria uma das herdeiras de um engenho açucareiro e teria deixado sua família para viver no município de Paudalho com o tabelião português José Seabra, participante da fundação da banda municipal daquela cidade. O casal deu à luz a Lucilla de Mello Seabra, avó de quem a autora veio a herdar o nome. Esta teria nascido entre o fim daquele século e os primeiros anos do seguinte. É pena ter de se afirmar que pouco ou nada se encontra de documentações comprovativas acerca desta ramificação genealógica de Lucila Nogueira, sendo tudo o que se sabe de sua família materna, retirado de um poema de autoria dela própria, intitulado “Biopoema”.

Sua avó Lucilla casou-se com Alberto Nogueira, do qual também pouca informação se encontra. Foi mãe de Ligya Nogueira, mãe da autora, nascida em 9 de setembro de 1918, no município de Moreno. A professora Lygia, por sua vez, no Rio de Janeiro, casou-se com o português Alberto Matos Rodrigues, nascido em 7 de novembro de 1911, no concelho de Peso da Régua, ao norte de Portugal. É mais precisamente aqui que as raízes lusitanas de Lucila Nogueira se fazem fortes. Para um melhor conhecimento da cultura dos habitantes do norte da Península Ibérica, vale a pena lembrar do forte regionalismo cultural desta região, semelhante ao que ocorre em Pernambuco, onde o regionalismo se faz por vezes mais forte do que a própria nacionalidade, a miscigenação daquilo que seria local, mas português, cabível no semblante da mulher do noroeste peninsular, encontra-se presente na cultura que toma forma em muitas das produções de Nogueira (Cf.: MACHADO, 2016).



O concelho do Peso da Régua se situa no distrito de Vila Real, na área deste que compete à sub-região do Douro, antiga província do Alto Douro e Trás-os-Montes, e foi ali que o pai de Lucila Nogueira veio a nascer, filho de Urselina Nogueira de Matos, nascida em 1884, original da antiga paróquia de Felgueiras, na freguesia de Resende, na sub-região dos dois rios Tâmega e Sousa, também no norte do país. Os seus pais, também nascidos nesta localidade, chamavam-se Carolina de Jesus e Manuel Pinto Almeida Matos, nascidos provavelmente no fim da década de 1810, falecidos no início da década de 1880. Urselina ainda que tivesse nascido em diferente local que seu esposo, veio a casar-se com este no Peso-da-Régua. Ele, José Rodrigues, nasceu a 4 de maio de 1887, filho de Rosa Emília de Jesus, nascida provavelmente em 1822 e morta nos idos de 1882, coincidentemente também originária de Resende. Seu pai, bisavô de Lucila Nogueira, chamava-se Romão André Rodrigues, cujas datas de nascimento e morte assemelham-se em imprecisão com os de sua esposa. Este antepassado da escritora, porém, apesar de seu nome aparentemente português, não nasceu naquele país, sendo oriundo de Santa Maria de Iria, no Bispado de Santiago de Compostela, na Galiza, Espanha (Cf.: MACHADO, 2016).

As informações aqui trazidas foram retiradas de uma pesquisa genealógica publicada por José Manuel Guimarães em 2016, no banco de dados do website “Geni”, no qual o detentor destas informações veio a criar perfis destes antepassados ibéricos de Lucila Nogueira e, também, um perfil dela própria. Sabendo-se que o estudo genealógico se faz importante na Europa e, que o ímpeto, principalmente de portugueses, de construir suas respectivas genealogias, vem a se tornar mais eficaz, principalmente graças a maior acessibilidade que seus pesquisadores têm a estes documentos, geralmente em melhor estado de conservação e, muitas vezes, digitalizados, é provável que mais documentação acerca da ramificação peninsular de Lucila Nogueira ainda esteja por ser encontrada. Pouco se sabe de suas raízes pernambucanas, mas nunca por isso, ela veio a tratar as raízes brasileiras e nordestinas de seu sangue como dispensáveis ou pouco responsáveis pela poetisa que havia se tornado.



Considerações finais

Falarão meus poemas pelas ruas
de cor como receita de viver
dirão que era poesia e não loucura
meu jeito de sonhar todos vocês
Lucila Nogueira

Não foi ao acaso que se veio a escolher este especial trecho da poesia "Falarão os meus poemas pelas ruas", publicada em 1998 no livro "Zinganares", para abrir este último tópico do artigo. Qual teria sido o jeito de Lucila Nogueira sonhar toda a sociedade?, foi a pergunta que se fez presente, ainda que discreta, quando da composição deste artigo. Qual teria sido sua concepção do mundo no qual vivera, na posição de uma mulher, mãe, professora e promotora pública; da filha de uma pernambucana e de um português provindo de uma região muito ímpar de seu país? Como se haveria composto a visão de mundo e da história na qual se via inserida, que veio a representar?

Tendo viajado pela América Latina, Ásia e Europa em seus anos de acadêmica pela UFPE, estando presente em eventos literários e culturais na maioria dos países pelos quais passou. Em Havana, em 2007, participou do XII Festival de Poesia, em Cuba. Neste mesmo ano esteve no México, no XV Encuentro de Mujeres Poetas en el País de las Nubes. Em 2009, esteve na Espanha, na cidade de Granada para o V Festival Internacional de Poesia, que naquele ano fazia uma homenagem ao poeta Alfonso Cortés. Em 2013, por sua vez, veio a representar a UFPE na Mostra de Literatura de Cordel durante a II Semana de Cultura Brasileira, em Macau. Muitos outros eventos pernambucanos, nacionais ou internacionais como estes, compõem o extenso currículo acadêmico da autora, mas, os mais especiais destes episódios, talvez, sejam aqueles ocorridos em sua terra recifense, local onde produziu muitos dos artigos publicados em campos nacionais e latino-americanos, sobre a produção de literatura neolatina, salientando nomes de escritores regionais para os grandes anais acadêmicos.

Quando Joan Scott clama pelo lugar da mulher como elemento biografado principal em uma nova forma de se produzir biografias, ou seja, quando a esta nova forma o biógrafo ou biografa de histórias femininas se propõe a trabalhar, longe dos parâmetros de antigos modelos de biografia que envolvia conceitos de classes



políticas ou econômicas, podemos recordar do pensamento de Judith Zinsser. Para esta, seria equivocado se tentar fugir desta história composta pelos fatores masculinos detentores do poder político e, no caso de Lucila Nogueira, do poder intelectual. Mostrar a história como se conhece, mas do ponto de vista das mulheres, seria a forma mais assertiva de fazê-lo e, quando a poetisa aqui biografada nos diz em seu poema que não mais se chamará de loucura a sua arte, mas de poesia aquela sua forma de enxergar, de imaginar, todos ao seu redor, se justifica mesmo que abstratamente a proposta de ambas as teóricas.

Se por um lado, buscou-se neste trabalho dar uma versão dos fatos biográficos da imortal Lucila Nogueira Rodrigues, a partir de documentos e registros da história de vida e da genealogia desta, por outro lado, espera-se que com este levantamento de informações aqui feito, se possa no futuro, ser produzido um trabalho mais aprofundado da respectiva obra de vida desta poetisa. De seu nicho familiar, da cultura e do gosto por suas origens, pois acreditamos que ela enxergava para, além disto, que aqui foi trazido à luz, tendo oscilado de uma escritora de raízes mais tradicionais, admiradora e estudiosa de Drummond e Pessoa, mas que ao longo de sua interação e atuação dentro da UFPE, acabou por se tornar ela própria uma interessante referência como um nome do qual não se esqueceria facilmente, da professora de roupas incomuns e perucas engraçadas que caminhava pelos corredores do Centro de Artes e Comunicação desta instituição, que era saudada por seus alunos em páginas de blogues como “Mestra-Abadessa do Protetorado Soberano da Nova Bulgária”. Tal país seria um lugar fictício seu e de seus pupilos, um local que sempre existiria aonde quer que houvesse a Freeporto, um território de livre criatividade e espontânea criação e evocação literária, quase utópico em que escrever era algo demasiado sério que carecia de ser respeitado e que, face ao não cumprimento de seu dever, poderia vir a desencadear em uma infeliz mediocridade artística cometido pelos “falsos escritores” que ela tanto condenava.

Referências

APL. **Cadeira 33**. Academia Pernambucana de Letras, Pasta dos Acadêmicos, 1901-2016.

DEL PRIORE, Mary. Biografia, biografados: Uma janela para a História. **Revista IHGB**, Rio de Janeiro, a. 171, v. 448, p. 179-197, jul./set. 2010. Disponível em:



<https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-448/item/108377-biografia-biografados-uma-janela-para-a-historia.html>. Acesso em: 20 set. 2019.

DETENÇÃO será esvaziada dentro de 90 dias. **Diário de Pernambuco**. Segundo Caderno, Recife, 26 mar. 1971, p. 1. Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/13798?pesq=%22lucila%20nogueira%20rodrigues%22>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ADVOGADO cego passa em concurso para promotor. **Diário de Pernambuco**. Primeiro Caderno, 10 julho. 1974, p. 30. Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/58450?pesq=%22lucila%20nogueira%20rodrigues%22>. Acesso em: 20 ago. 2019.

MACHADO, Jose Manuel Guimarães. **Alberto Matos Rodrigues:** Família imediata. Geni. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Alberto-Matos-Rodrigues/6000000015917785788> Acesso em: 20 set. 2019.

NOGUEIRA, Lucila Rodrigues. **Zinganares.** Lisboa: Árion, 1998.

NOGUEIRA, Lucila Rodrigues. Carta de intenções da Mestra-Abadessa Lucila Nogueira. **Freeporto**, 2011. Disponível em: <https://freeporto.wordpress.com/2010/10/11/carta-de-intencoes-da-mestra-abadessa-lucila-nogueira/>. Acesso em: 13 ago. 2019.

OLIVEIRA, Altair de. Poesia de Lucila Nogueira. **Revista Contemporartes**. Disponível em: <https://revistacontemporartes.blogspot.com/2010/05 /poesia-de-lucila-nogueira.html>. Acesso em: 25 ago. 2019.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 16 out. 2019.

VESTIBULAR de Direito. **Diário de Pernambuco**. Primeiro Caderno, Recife, 14 abril. 1968, p. 5. Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/029033_14/58408?pesq=LUCILA%20NOGUEIRA%20RODRIGUES> . Acesso em: 20 ago. 2019.

ZINSSER, Judith. Feminist Biography: A Contradiction in Terms?. **The Eighteenth Century, The Future of Feminist Theory in Eighteenth-Century Studies**. Miami: Spring, 2009, pp. 43-50.